

Editorial

O presente número da nossa Crítica Cultural, depois de abrir amplo espaço para discussão e análise das literaturas africanas, devota-se, essencialmente a uma série de reflexões sobre literatura e sobre o cinema, com uma bem-vinda riqueza de perspectivas e abordagens.

Sem a preocupação de separar os ensaios sobre literatura e sobre o cinema em distintas seções, os primeiros textos apresentados se debruçam sobre questões literárias, seguidos de um conjunto de ensaios sobre cinema.

Assim, abrindo este número, Dilma Beatriz Rocha Juliano reflete, em seu "O tempo da máquina de produção/fruição de arte: o relógio como metáfora em Osman Lins", sobre as transformações ocorridas na produção/fruição dos objetos culturais, especificamente, sobre as mudanças operadas no tempo/ritmo/velocidade a partir dos processos industriais e tecnológicos, do final do século XIX para o XX, tomando a máquina, em seus diferentes procedimentos de fabrico, como metáfora da produção artística, tendo em vista a sua aceleração e o seu aperfeiçoamento técnico neste período. Para isto, aproxima a máquina à dobra narrativa de Osman Lins ao escrever "O relógio de Julius Heckethorn", no romance *Avalovara*.

A seguir, Juan José Mendoza, em "Vanguardia, Barroco, Antropofagia", especula sobre algumas das possíveis conexões da pós-vanguarda argentina dos anos 1970 com as tradições da antropofagia brasileira e do barroco novo-hispânico. Partindo da identificação de possíveis afinidades teóricas, o ensaio busca servir de base para uma leitura excêntrica da revista *Literal* (Buenos Aires, 1973-1977), para além do telquelismo Francês e da tradição literária argentina. Seu objetivo é pensar o barroco e a antropofagia como outras possíveis linhas de abordagem para alcançar outra dimensão das vanguardas latino-americanas em geral e da vanguarda rio-platense em particular.

Em "Fronteiras da crítica literária brasileira: Oswald de Andrade e João do Rio na cena do novo", Sebastião Marques Cardoso apresenta uma releitura sobre o modernismo literário brasileiro, buscando romper com o olhar canônico sobre esse movimento. Para isto, analisa o discurso crítico de Oswald de Andrade, apontando, tanto aspectos impulsionadores de uma nova maneira de ver e fazer literatura quanto elementos ainda reminiscetes de uma cultura literária arcaica.

Elizabeth Hutnik, em "La figura del escritor. Dos generaciones en Argentina", revisita as figuras do escritor que circulam entre os autores argentinos consagrados por leitores e pela crítica, bem como essa imagem se projeta entre escritores contemporâneos. Para estabelecer um estado da arte da figura do escritor, a autora se baseia nas proposições teórico-críticas de Juan José Saer, Ricardo Piglia, David Viñas e César Aira.

“Los registros de la violencia en La hija del caníbal de Rosa Montero”, de Adriana Virginia Bonatto, apresenta um leitura deste romance de Rosa Montero, publicado em 1997, momento em que o “novo romance histórico” espanhol se encontrava em seu início, com os objetivos de localizar os registros da violência inscrita na voz do protagonista e narrador e de compreender os modos como seu discurso se desenvolve como linha de fuga de algumas configurações socioculturais e literárias, entendidas como opressivas ou restritivas.

Já em “Memória e documento: o diário de Gonzaga Duque”, Alexandra Filomena Espindola discute como a biografia de Gonzaga Duque se estrutura e se assemelha à lógica estrutural da narrativa da História Tradicional. A autora aponta que, assim, a biografia encontra um lugar de legitimidade como um discurso de “verdade”. Para isto, procura compreender como procedem os gêneros história e biografia e a relação que mantêm com “realidade” e ficção, apoiando-se em teóricos como Jacques Rancière, Juan José Saer e Nietzsche para ajudar a pensar a relação entre “verdade” e aparência, ficção e não-ficção.

Divanize Carbonieri, em seu ensaio “Teorias Oníricas e O Romance Onírico de Inversão de Nuruddin Farah”, estabelece uma conexão entre os estudos dos sonhos e a literatura, analisando como diversas teorias oníricas influenciaram a leitura e, possivelmente, a construção de três romances africanos contemporâneos, a saber, a trilogia *Blood in the sun*, do escritor somali Nuruddin Farah, na qual o autor propõe a combinação de duas camadas narrativas, uma dada pelo que os personagens experimentam em sua vida de vigília e a outra configurada por seus sonhos. Conclui que, para a compreensão de obras desse tipo, em que os sonhos não são apenas apêndices narrativos, mas elementos que alteram profundamente a estrutura romanesca, é necessário o alargamento do repertório crítico a partir do diálogo com múltiplas teorias oníricas.

Jacques Fux investiga, em seu ensaio “João Guimarães Rosa, um filossemita? A questão judaica, as cartas e o testemunho de Israel Klabin”, as relações que João Guimarães Rosa travou com a família judaica de Israel Klabin. Faz isto a partir das correspondências entre Rosa e Klabin e de uma entrevista realizada por ele mesmo, com o intento demonstrar o *filossemitismo* de Rosa.

Em “Adorno e o jazz”, Elder Kôei Itikawa Tanaka apresenta o diálogo estabelecido entre Adorno e seus críticos, partindo de algumas formulações do próprio Adorno sobre esse gênero musical. O seu objetivo é compreender as afirmações do crítico cultural alemão sobre esse gênero musical, além de entender as especificidades do jazz como forma musical norte-americana do início do século XX.

O ensaio de Ramayana Lira abre a sequência de textos preocupados com as questões do cinema. Em “Rios, pontes e *overdrives*: trânsito e a (de)composição do espaço em Amarelo Manga”, a autora discute a visão do filme de Cláudio Assis como obra de um cinema que quebra com centralidade da figura humana e apresenta uma composição peculiar do espaço, em especial em relação à representação da decadência urbana do terceiro mundo. Investiga as manobras da narrativa e das imagens para, em última análise, apontar o filme de Assis como um exame do declínio da cidade que, ao mesmo tempo, instiga a crítica à vontade humana e a valores liberais.

Ainda preocupados com questões do cinema, Marcos Soares, Ana Paula B. Anjos e Marcos Fabris analisam, em “Crimes e pecados: Woody Allen, Hollywood e o cinema independente”, as reflexões do diretor sobre a situação do cinema independente no final dos anos 80 nos Estados Unidos, bem como sobre as condições de possibilidade de sua própria carreira.

Por fim, Cristiane Toledo Maria dedica seu ensaio “O material melodramático na forma cinematográfica de Ken Loach” para discutir o projeto estético-político do cineasta inglês Ken Loach dentro da história da arte política, e como fruto de um processo histórico de crise da esquerda e fragmentação da classe trabalhadora, intensificado durante a segunda metade do século XX, especialmente em países como a Inglaterra. A autora observa de que maneira a obra de Ken Loach cria uma forma que realiza um resgate de materiais melodramáticos e as consequências de tal escolha formal para o conteúdo político de seus filmes.

Boa leitura!

Os Editores